

Haverá pranto e ranger de dentes: Experiências de pessoas em movimento em uma nova (repetição da) rota balcânica através da Romênia

Via [LeftEast](#)

Com a crescente militarização da fronteira croato-bósnia e em um ambiente globalmente hostil em relação aos migrantes, a rota dos Balcãs tem mudado nos últimos meses em direção à Romênia. Desde outubro de 2020, houve um forte aumento no número de pessoas que cruzaram a fronteira na Sérvia e terminaram em Timișoara ou em torno de Timișoara, a maior cidade do sudoeste da Romênia.

Somente em 2020, o número de pedidos de asilo na Romênia triplicou, da média anual de 2.000 para cerca de 6.000 pessoas. LOGS – Grup de Inițiative Sociale, uma ONG local que oferece ajuda a migrantes diariamente, informa entre 500-1.000 novas pessoas chegando a Timișoara a cada mês. Um grande segmento consegue eventualmente deixar o país através da Hungria, e mais comumente para a Áustria, Alemanha, e Bélgica.

Somos um pequeno coletivo de tendência anarquista de Timișoara. Nossas áreas de enfoque são a justiça habitacional e o direito à cidade. Nos últimos meses temos oferecido assistência a migrantes e refugiados, especialmente pessoas multimarginalizadas em termos de sua localização social, que estão fora da lógica compartimentada da ajuda humanitária. Nesta matéria, queremos compartilhar algumas das coisas que vimos e ouvimos nas últimas semanas de nossos amigos em trânsito pela região.

O centro local de refugiados é um campo com vários dormitórios e um espaço aberto, projetado para 100-150 pessoas. Realmente não há como o centro administrar adequadamente 300-350 pessoas com uma alta rotatividade, como está fazendo no presente. As imagens enviadas nas últimas semanas pelos amigos que lá vivem são chocantes: espaços superlotados, arranjos de vida improvisados e precários com colchões no chão, cozinhas e banheiros imundos. F., uma jovem da Síria que percorreu a pé toda a rota da Grécia até a Romênia, diz não ter visto nada parecido com estas condições em nenhum dos outros países.

Se no início isto era algo compreensível devido à repentina mudança, agora – 6 meses depois – sem expansão de pessoal, ainda, sem canalização de recursos, sem extensão de espaços, isto pode ser interpretado de qualquer outra forma que não seja como negligência (des)gerenciada?

Na falta de qualquer outra acomodação, a maioria dos migrantes que acabam em Timișoara se alojam em vários lugares da cidade. A cada vez, há cerca de 200-300 migrantes dormindo em locais abandonados ou em campos abertos, às vezes em temperaturas abaixo de zero. Muitos são crianças de 14-15 anos de idade e alguns têm até 8 anos de idade.

Se você está doente, deficiente, louco ou neurodivergente, a situação é ainda pior. Encontramos H. em um dos acampamentos informais na periferia da cidade. Seus amigos – com quem temos estado em contato – nos chamaram para ajudar porque ele estava passando por um episódio psicótico relacionado ao fato de ele ser bipolar.

Como ele estava passando por um episódio bastante agudo de psicose, sem os recursos necessários para administrar a situação a nível comunitário, decidimos levá-lo a uma clínica psiquiátrica. O que se seguiu foi um desdobramento kafkiano dos acontecimentos. Primeiro, a equipe médica não quis tratá-lo de forma alguma, depois o arrastou de instalação em instalação sem nos informar, e finalmente tentou dispensá-lo

sem qualquer forma de apoio. Tudo isso supostamente aconteceu com seu consentimento. É difícil acreditar que este poderia ser o caso, considerando que ele não fala inglês e não recebeu um tradutor (para não mencionar o fato de que ele estava passando por [uma crise de] psicose).

Durante todo este processo, a equipe médica forneceu informações enganosas e até mentiu descaradamente sobre seu paradeiro. Finalmente, ele foi transferido para um centro de detenção para “estrangeiros” (na vila de Horia, no vizinho condado de Arad), com a ajuda da polícia de fronteira – reforçando mais uma vez a convivência histórica da psiquiatria com o estado carceral, a serviço do capitalismo racista capacitista heteropatriarcal. A UE exportou as responsabilidades de administrar sua fronteira para a Romênia sem os benefícios da abertura total das fronteiras da UE para o Estado romeno e sua posição dentro do capitalismo global. E a instituição da psiquiatria está provando ser apenas mais uma ferramenta deste policiamento das fronteiras; mais uma vez é usada para subjugar ou desaparecer corpos indisciplinados – os corpos de migrantes, neste caso.

Ainda não sabemos – quase um mês depois – nada sobre o atual estado de saúde de H. Quando tentamos contatá-lo, somos enviados em círculos, como K. no Castelo de Kafka. Do centro de detenção de Horia, ele será enviado de volta para a Sérvia ou diretamente para seu país de origem. Ou ele esperará que seu pedido de asilo seja recusado e será enviado de volta somente depois. Estas são suas opções.

A maioria dos migrantes são homens jovens. Mas às vezes eles são mulheres ou famílias inteiras.

Ser mulher torna a navegação nas geografias precárias da migração muito mais complicada. Conhecemos M. e S. há alguns dias, duas mulheres da Síria e da Tunísia, respectivamente. Elas solicitaram asilo na Romênia e estão esperando a resposta – um processo que pode durar alguns meses. Elas gostariam de

permanecer aqui no país e obter o status de refugiadas. Há alguns dias, elas nos contataram para ajudá-las com acomodações temporárias. O campo é muito sujo e inseguro para que mulheres solteiras vivam no momento, especialmente por períodos mais longos, em grande parte devido à ameaça de violência de gênero.

Cada vetor de marginalidade acrescenta uma camada adicional de horror nas interações com o estado. Temos testemunhado amigos queer e trans serem tratados com total falta de humanidade; constantemente desnomeados, suas identidades invalidadas, seus corpos escrutinados.

É de partir o coração cada vez que encontramos pessoas que fogem da guerra ou da perseguição do governo, e para quem este país não está disposto a fornecer nem mesmo uma cama decente. Ou até mesmo uma tenda. Ou um chuveiro. Ou um banheiro. Sentimos uma vergonha indescritível. E a desesperança. E fúria.

Além de toda a miséria e sofrimento, ouvimos muitos relatos de violência por parte da polícia (ou pessoas que se fazem passar por policiais) tanto na fronteira como ao redor da cidade. Quando uma ONG local tentou divulgar tais casos, a polícia respondeu não iniciando uma investigação, mas ameaçando a ONG com uma ação judicial. Quer estes estivessem em serviço ou fora de serviço, ou fossem o lixo de direita fazendo-se passar por policiais, os fatos são as cicatrizes e hematomas e telefones quebrados, e o ônus da prova deve recair sobre aqueles que estão no poder.

Há pouco tempo, recebemos uma mensagem com fotos de que em um dos acampamentos informais um jovem migrante foi espancado com um bastão por pessoas com uniforme policial e teve que ser levado ao hospital. Ele é um garoto de 15 anos do Afeganistão. O que mais há a dizer? Que palavras seriam apropriadas?

O abuso se estende além dos centros de refugiados ou áreas de

passagem de fronteira. No final de abril, após um violento incidente criminoso entre dois grupos de imigrantes, e no período que antecedeu a Páscoa Ortodoxa, as autoridades em Timișoara fizeram uso da opinião pública (desfavorável) para reunir todos os imigrantes da cidade. Tais assaltos têm ocorrido não apenas nas habituais praças e locais de reunião, mas também em albergues e outros lugares, após as denúncias da polícia. Isto é particularmente preocupante, pois Timișoara tem uma história de “denúncia dos indesejáveis”. Ouvimos de amigos imigrantes que a polícia está até “caçando-os” por toda a cidade. Ouvimos até mesmo dos funcionários da pousada que a polícia os ameaçou de não aceitar nenhum inquilino refugiado (!)

Esta situação tem se desdobrado diariamente desde o referido incidente no final de abril. Primeiro, os imigrantes são levados para a sede da polícia de fronteira (localizada na cidade). Pela experiência passada, as pessoas são mantidas lá por horas e horas, sem comida ou água ou mesmo as comodidades mais elementares. De lá, elas são enviadas a um dos centros de refugiados em Timișoara ou a um dos cinco outros centros espalhados pelo país. Tanto quanto sabemos, eles serão proibidos de deixar os centros agora. Tudo isso é uma flagrante violação do direito nacional e internacional – não só imoral, mas ILEGAL!

Ninguém está dizendo nada. Não o ACNUR, cuja verdadeira função é documentar as violações dos direitos dos migrantes e refugiados. Não a mídia local, que é predominantemente conservadora em relação ao tema da migração. Há apenas a voz de uma ONG, de alguns jornalistas independentes e de figuras clericais dispersas. Caso contrário, há silêncio.

Sob a miragem da civilidade, o novo prefeito de Timișoara, Dominic Fritz, e o atual presidente, Klaus Iohannis, nos aproximaram um passo dos estados policiais de extrema-direita como Hungria e Polônia. Mas, está tudo bem!, pelo menos resolvemos o problema da corrupção... [sarcasmo]. Rolos de

tambores e ondas de aplausos liberais a seguir...

Em uma palestra de 2016, Naomi Klein afirmou que “[uma] cultura que valoriza tão pouco as vidas negras e de cor que está disposta a deixar os seres humanos desaparecerem sob as ondas, ou incendiarem-se nos centros de detenção, também estará disposta a deixar os países onde vivem negros e pessoas de cor desaparecerem sob as ondas, ou dessecarem no calor árido”. Quando isso acontecer, as teorias da hierarquia humana – que devemos cuidar primeiro da nossa própria hierarquia – serão reunidas para racionalizar estas decisões monstruosas. Já estamos fazendo esta racionalização, ainda que apenas implicitamente”.

Isto já está acontecendo. As autoridades continuam dizendo isso abertamente. Suas bocas dizem “devemos respeitar os direitos de todos”, suas ações dizem “Timișoara primeiro, Romênia primeiro”. Para os representantes do Estado (em todos os níveis), estes não são pessoas, mas um fluxo de corpos a serem administrados. Como um bloqueio na corrente de um rio que acumula lixo, estas populações excedentes que se acumulam nas fronteiras da Fortaleza Europa precisam ser afastadas com força. Exportadas (de volta) para países mais pobres, trancadas a longo prazo, o que quer que funcione. O que vemos no nível do solo é que os imigrantes hoje são homo sacer: pessoas que são pessoas legais apenas na medida em que se tornam legíveis pelo e para o Estado, mas, de outra forma, cujos corpos podem ser trancados, jogados fora ou destruídos sem consequências.

Em lugar de um final, gostaríamos de dar um grito a todos os camaradas de outros países que vêm fazendo o trabalho vital de apoiar as pessoas em movimento há muitos anos, e a todos aqueles que arriscam tudo em busca de uma vida melhor para si mesmos e suas famílias. Nenhuma quantidade de leitura pode prepará-lo para o nível de violência cotidiana que o Estado

capitalista traz sobre os imigrantes. Somente segurando uns aos outros com firmeza, amor, cuidado e solidariedade – começando pelos mais vulneráveis – podemos esperar por um mundo radicalmente diferente.

Dreptul la Oraş (Direito à Cidade) é um grupo democrático, não-hierárquico para análise crítica e ação direta baseado em Timișoara, Romênia. Queremos que a cidade pertença a todos os seus habitantes, presentes e futuros, temporários e permanentes, privilegiados e marginalizados. Queremos uma cidade justa para todos, independentemente de classe, etnia, gênero, orientação sexual, religião, deficiência, etc., na qual todos tenham acesso equitativo a recursos e serviços sociais. Uma cidade na qual todos participem da tomada de decisões e da formulação de políticas públicas, pois somente através deste processo emancipatório podemos nos tornar cidadãos de pleno direito. Uma cidade que coloca as pessoas e a natureza acima do lucro econômico.